



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**FÉ E DEVOÇÃO: O SIGNIFICADO DE SER FOLIÃO DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Delma Batista Turíbio

Porto Nacional/TO
2021

Delma Batista Turíbio

**FÉ E DEVOÇÃO: O SIGNIFICADO DE SER FOLIÃO DO
DIVINO ESPÍRITO SANTO**

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Delma Batista Turíbio, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de Fé e Devoção: O significado de ser Folião do Divino Espírito Santo e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Valdir Aquino Zitzke

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- T938f Tuíbio , Delma Batista .
Fé e devoção: o significado de ser folião do divino espírito santo . / Delma Batista Tuíbio . – Porto Nacional, TO, 2021.
27 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Geografia, 2021.
Orientador: Valdir Aquino Zitzke
1. Folião. 2. Tradição. 3. Geografia Cultural. 4. Divino Espírito Santo. I. Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

DELMA BATISTA TURÍBIO

FÉ E DEVOÇÃO: O SIGNIFICADO DE SER FOLIÃO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Artigo foi avaliada(o) e apresentada (o) à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Delma Batista Turíbio, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de Fé e Devoção: O significado de ser Folião do Divino Espírito Santo e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. (Valdir Aquino Zitzke)

Profa. Dra. (Marciléia Oliveira Bispo)

Prof. Dr. (Vera Lúcia Aires Gomes da Silva)

Porto Nacional/TO
2021

RESUMO

O estudo surgiu da necessidade de maiores conhecimentos envolvendo uma tradição secular, onde a devoção em ser folião e um resgate ao passado é uma das marcas principais para a execução do mesmo. Nesse sentido, um dos pilares desse projeto é prezar pelas manifestações culturais de Monte do Carmo – To, principalmente voltada para a devoção do folião em nos giros da folia pelo sertão e na cidade. Tem por objetivo principal fundamentar a estrutura cultural e geográfica da fé e da devoção dos giros da folia do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo, bem como entender a importância desta demonstração de tradição para o anseio cultural. Tendo como procedimentos metodológicos a execução de uma revisão bibliográfica minuciosa com tópicos como a geografia cultural, que é um dos pilares para produção deste projeto, e uma entrevista realizada pela acadêmica deste projeto aos foliões que fazem a folia acontecer. Deste modo, conclui-se pensando no que é importante para a festa na cidade, vendo que é necessário refletir sobre a importância do papel do folião dentro do contexto da festa, sendo ele o carro chefe dessa cultura rica em cantos, danças e com manifestações de fé e devoção no ato e amor de ser folião da festa do Divino Espírito Santo.

Palavras-Chave: Folião; Tradição; Geografia Cultural; Divino Espírito Santo.

ABSTRACT

The study arose from the need for greater knowledge involving a secular tradition, where devotion to being a reveler and a rescue from the past is one of the main marks for the execution of the same. In this sense, one of the pillars of this project is to appreciate the cultural manifestations of Monte do Carmo - To, mainly focused on the devotion of the reveler in the tour of the revelry through the sertão and in the city. Its main objective is to support the cultural and geographic structure of the faith and devotion of the revelry tours of the Divino Espirito Santo in Monte do Carmo, as well as to understand the importance of this demonstration of tradition for the cultural yearning. Having as methodological procedures the execution of a thorough bibliographic review with topics such as cultural geography, which is one of the pillars for the production of this project, and an interview conducted by the academic of this project to the revelers who make the revelry happen. In this way, we conclude by thinking about what is important for the party in the city, seeing that it is necessary to reflect on the importance of the role of the reveler within the context of the party, being he the flagship of this culture rich in songs, dances and with manifestations of faith and devotion in the act and love of being reveler at the feast of the Divine Holy Spirit.

Keywords: Folião; Tradição; Cultural Geography; Divino Espirito Santo.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	8
2 A GEOGRAFIA CULTURAL E DAS RELIGIÕES	10
3 FESTAS RELIGIOSAS DO CATOLICISMO POPULAR.....	12
3.1 A festa do Divino Espírito Santo	13
3.2 As Folias do Divino Espírito Santo.....	14
4 O SIGNIFICADO COMO PALAVRA CHAVE	16
5 ATO DE DEVOÇÃO E FÉ EM SER FOLIÃO.....	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25

1 INTRODUÇÃO

Fazer uma abordagem em temas culturais remete-se a uma geografia que perceba os símbolos, o imaginário, a representação, o significado e o sentido de uma realidade que é vivida por determinado grupo social.

As festas do catolicismo popular, no estado do Tocantins, são um forte elemento constitutivo do modo de vida do povo. Essas manifestações culturais são realizadas de diversas formas, denotando uma plurissignificação de sentidos pelos diversos sujeitos sociais que delas se apropriam e que no exercício dessas práticas de interação social reafirmam identidades.

A festa do Divino Espírito Santo é uma das festividades da igreja católica espalhada por todo mundo, seja em cidades de interior como Monte do Carmo – TO, ou diversas outras, ao mesmo tempo em que se constitui numa manifestação da cultura popular local, rica em personagens, músicas, danças, rituais e performances.

Monte do Carmo, no estado do Tocantins, dista 89 km da capital, Palmas, com uma população estimada em seis mil habitantes e está localizado na região central do estado, com uma área total de 3.359,7 km².

A festa ou festejo do Divino Espírito Santo é de origem portuguesa, do arquipélago dos Açores, onde os moradores invocavam a divindade sempre que ocorriam catástrofes naturais. O estabelecimento da Festa do Divino ocorreu ao longo do século XIV, quando a celebração foi instituída, sob a influência de costumes pagãos, pela Rainha D. Isabel.

No contexto desta festa temos a presença da Folia do Divino que representa, o grupo dos 12 apóstolos e de Jesus Cristo a divulgar, pelo sertão, as bênçãos do Divino e o chamamento para a festa. No chamado “giro” da folia, este grupo percorre as estradas do interior do município e visitando as casas dos moradores, abençoando as famílias com a bandeira do Divino Espírito Santo e unindo-as em torno da celebração que se aproxima, ao mesmo tempo em que recolhem donativos para a realização da festa.

O objetivo desta pesquisa é analisar o sentido e o significado de *ser folião* da Festa Divino, que possui uma grande importância e que, de sua ação em ser folião, depende, em grande parte, a garantia do sucesso da festa.

A pesquisa é de cunho qualitativa, pois teve a intenção de buscar compreender o fenômeno, quando observado minuciosamente e como procedimentos metodológicos, foi realizada uma revisão bibliográfica, e uma entrevista com os foliões que se dispuseram a contribuir com esse projeto acadêmico, sendo a entrevista realizada pela

presente acadêmica que defente esse tema.

Esta pesquisa se justifica pela importância da abordar um tema com tamanha relevância, a partir da necessidade e dar maior atenção e visibilidade a devoção e fé dos foliões, uma vez que o giro da folia talvez seja o elemento mais original e o centro desta expressão cultural.

2 A GEOGRAFIA CULTURAL E DAS RELIGIÕES

A geografia cultural, segundo Claval (2009, p. 9),

“é um conjunto de saberes, ações, símbolos, com enredo voltado para cultura, centralizando a natureza humana e seus indivíduos ou grupos, formando uma espacialidade da cultura permite avanços e representações diretas. Deste modo, a geografia cultural tem suas origens por volta de 1890, no âmbito da própria formação da geografia, no bojo da qual debatia-se, particularmente na Alemanha, os caminhos a serem seguidos, visando estabelecer a identidade da geografia”.

Ainda, segundo Claval (1997, p. 11), a diversidade étnica do Brasil, com grupos desigualmente integrados à nação brasileira, desigualmente ricos, desigualmente poderosos, oferece um campo inesgotável de pesquisas na área de geografia cultural:

Povos indígenas; quilombos; massas pobres da região Nordeste, seja de negros fortemente mestiços do litoral, seja de índios mestiços do interior semiárido ou da Amazônia, região para a qual muitos nordestinos migraram durante o ciclo da borracha; modos de vida rurais do sertão, em Minas Gerais ou na região Centro-Oeste; agricultores “gaúchos” do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que migraram e colonizaram os cerrados brasileiros em meio século, onde propagam a cultura da soja e a criação de gado; multidões “abrasileiradas” que não perderam completamente o sentimento em relação às suas origens nas regiões fortemente urbanizadas das regiões Sul e Sudeste. Claval (1997, p. 11).

Já para Rosendahl (2005), a geografia cultural no Brasil, vai ganhar visibilidade e importância a partir de 1993, com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura (NEPEC) do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que edita o periódico Espaço e Cultura, a publicação eletrônica Textos NEPEC e a coleção de livros Geografia Cultural.

Em se tratando de geografia das religiões, verificamos a existência de inúmeros símbolos, rituais e atos de devoção, fé e sentimentos que modificam e unem as pessoas onde, segundo Hall (1997, p.52):

“os símbolos são abertos a diferentes interpretações, calcadas cada uma na experiência, valores, crenças, mitos e utopias do grupo social que interpreta. Os significados são, assim, instáveis e essa instabilidade atravessa o tempo. Fala-se, então, em polivocalidade, isto é, diversas interpretações a respeito do mesmo símbolo. Esta polivocalidade é o antídoto a um significado imposto, único, que as elites, em sua hegemonia cultural, pretendem impor”.

Assim sendo, a religião é um ato do código cultural, onde se manifestam as crenças de

um determinado grupo social que, segundo Duncan (2000, p. 31), a religião, da mesma forma que a linguagem,

é um sistema de comunicação e um mecanismo de promover a integração, quando não o conflito. Sua distribuição gera questões de origem, propagação e fronteiras. A religião é um sistema de valores que tanto incentiva como inibe a atividade humana, por isso, merece mais atenção dos especialistas da geografia humana.

A religião e a geografia podem ser compreendidos como saberes humanos distintos, mas com muitas relações. São duas formas de (re)ação no espaço: a religião normatiza alguns procedimentos dos homens em relação ao espaço; e, por sua vez, o conhecimento geográfico proporciona capacidades estratégicas de atuação no espaço. Os espaços de ação de ambas são os sociais, culturais, políticos, econômicos, etc. Vemos, assim, que essas duas formas de conhecimento atuam nas várias dimensões que circundam a vida comum do ser humano (GIL FILHO, 2007).

A geografia da religião não é um campo do conhecimento restrito a Geografia, mas sim um saber que permeia diversas áreas científicas, que não fica limitada às formas materiais da cultura religiosa, mas que vai buscar a compreensão do fenômeno religioso na sua estrutura (FICKELER, 2008). Já Gil Filho (2007, p.210), afirma que:

A geografia da religião circunscrita a uma interpretação espacial da prática religiosa ou do conjunto de objetos religiosos da paisagem é limitada. Todavia, em seu sentido amplo, a prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana inspirada na busca da transcendência ou imanência. A materialidade imediata da prática religiosa não é um fim em si mesmo, mas um meio inicial de compreensão da dimensão religiosa.

Assim, a relação entre geografia e religião é viva e visível, uma vez que o ser humano atribui significações sobre o seu espaço na busca por aprofundar compreensões do fenômeno religioso, procurando apreender os processos religiosos na dinâmica espacial humana (HENKEL, 2005).

3 FESTAS RELIGIOSAS DO CATOLICISMO POPULAR

Segundo Almeida (2009), as festas religiosas são relevantes aos estudos da geografia cultural por serem produzidas e produtoras de uma teia de significados que exprime os sentidos da própria cultura.

As festas católicas são fenômenos culturais que têm sido redescobertas e revitalizadas como um fértil campo de investigação histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva, onde o sagrado e o profano se reconciliam. É um momento de celebração da vida, do rompimento do ritmo monótono do cotidiano o que permite ao ser humano experimentar afetos e emoções (BERGER, 2013). Trata-se de momento de exceção, ruptura e contraste perante um cotidiano estruturado a partir da luta pela sobrevivência (DEL PRIORI, 2004).

Turner (2008), relata que a igreja católica, tradicionalmente, se adaptou ou incorporou aspectos do catolicismo popular, em maior ou menor grau, aos seus ritos, assim como o catolicismo popular adaptou elementos diversos oriundos do ritual eclesiástico.

As festas religiosas como produtoras de símbolos territoriais se apresentam com uma ordenação rígida controlada pelo grupo religioso que a propõe e marca, simbolicamente, a presença muito viva de uma hierarquia em nome do sagrado. Outro fator gerador desses símbolos remete-se ao fato de a festa permitir a orientação de sinais espacializados produzidos pelos grupos que dela participam historicamente (DI MÉO, 2001).

Segundo Eliade (1999, p. 41), a vivência da festa religiosa oportuniza ao ser humano a saída momentânea do tempo e do espaço profano e sua inserção nas dimensões que designam os sentidos míticos sagrados. O sagrado se faz por um rígido ordenamento do tempo e do espaço sacros. Nesse sentido, Gil Filho (2007, p.34) afirma que,

“Diversas festas populares associadas ao catolicismo rústico acontecem no Brasil, seja no interior, vinculadas às populações sertanejas, seja nas grandes cidades, realizadas a partir da iniciativa dos migrantes internos oriundos das zonas rurais. São centenas de exemplos que poderia aqui ser dado de festas com tradições religiosas, como exemplos, a Festa do Divino Espírito Santo, Santos Reis, Santa Rita de Cassia, Santo Expedito, Nossa Senhora de Fátima, e tantas outras locais como as padroeiras de cada cidade, estado, e religiosidade local”.

O catolicismo popular é uma expressão cultural e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído, não sendo necessariamente avesso à modernidade, como alguns de seus estudiosos mais conservadores querem fazer acreditar (HUME, 2002, p. 54).

3.1 A festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das mais antigas e difundidas tradições do catolicismo popular brasileiro (ETZEL, 1995). De um modo geral, as festas do Divino tiveram um ciclo de implementação, expansão e decadência na história de Portugal. A sua fase de implementação constituiu-se (possivelmente) no início do século XIII até a implantação do modelo ‘império’, em Alenquer, no início do século XIV, com sua fase de expansão também no início do século XIV até meados dos séculos XVI e, por fim, a fase de decadência que vai ao final do século XVI até nossos dias com maior ou menor intensidade e linearidade (SOUZA e ERTZOGUE, 2013).

A Festa do Divino Espírito Santo é uma das maiores manifestações de devoção católica no Brasil, unindo o passado e o presente, envolvendo as populações locais e determinando padrões de sociabilidade.

“A cidade faz a festa e a festa faz a cidade. Por meio dela se marca o tempo, se reproduzem estruturas sociais e se conformam identidades coletivas e individuais. Seus elementos essenciais, por ordem de ocorrência, são: as Folias “da Roça” e “da Rua”, que “giram” pela zona rural e pela cidade, levando as bandeiras do Divino e angariando donativos para a festa; a coroa, a figura do Imperador, as cerimônias e rituais do Império, com alvoradas, cortejos, novena, jantares e outras refeições coletivas, missas cantadas, levantamento do mastro, queima de fogos, distribuição de “verônicas”, sorteio e coroação do Imperador”.(IPHAN, 2014, p. 83).

Historicamente falando, o Espírito Santo é a segunda pessoa da Trindade e teria vindo dos céus sobre os Apóstolos e a Virgem Maria cinquenta dias após a Páscoa. Por isso, a festa litúrgica é chamada de Pentecostes e observada pela Igreja Católica desde sua origem (CORRÊA, 2012). A gênese deste ritual remonta a vila de Alenquer, em Portugal, onde foi estabelecida ainda nas primeiras décadas do sec. XIV, pela Rainha D. Isabel casada com o Rei D. Diniz de Portugal (MOTINHA, 2013).

No Brasil, as primeiras Festas do Divino conhecidas, datam de 1761 em Pindamonhangaba, no estado de São Paulo, ou em 1765, em Salvador, na Bahia, onde também há uma Irmandade do Divino Espírito Santo, fundada em 1770, no Bairro do Carmo. Porém, é provável que antes destas datas já existissem festas dedicadas a Santíssima Trindade, mesmo celebradas nas comunidades portuguesas que se formavam ao longo do Brasil deste o século XVI e que reproduziam a cultura transplantada de Portugal para a nova terra (CORDEIRO, 2003).

Neste enredo o personagem mais importante da festa era o “imperador”, que exercia a

função de representar o Espírito Santo após a coroação, sendo eleito pela comunidade para organizar durante todo o ano a festa do Divino. Etzel (1998, p. 23), afirma que “o imperador do Divino - o festeiro, age como um soberano, é generoso e extravagante, reina durante um ano e termina seu reinado com festas de luxo e prodigalidade”. Audrin (1963, p.121) refere-se as funções do Imperador:

E ainda,

“A Festa do Divino, é organizada por um imperador, designado por sorte, no fim da festa do ano anterior. O eleito despõe, portanto, de doze meses para tudo calcular e preparar de tal modo a solenidade, que possa satisfazer a expectativa do poder e deixar, assim um bom renome nos anais sertanejos”

“O primeiro cuidado do imperador eleito, consiste em organizar e despachar logo depois da páscoa, as folias, encarregadas de esmolar em torno do arrial da cidade, escolhe, para esse fim, um grupo de homens denominados de foliões, apronta-os com roupas, calçados, viveres e bons animais de montaria e carga, vistosamente arreados. Manda-os em grupos chefiados pelo alferes da bandeira, ladeados por tocadores de viola, caixa de rufar”. (AUDRIN, 1963, p. 124).

O símbolo mais importante da festa é a bandeira do Divino, onde uma pomba pintada sobre um fundo com raios solares destacava-se no campo de seda vermelha da referida bandeira, franja de ouro, de prata ou de lã, de acordo com as posses das irmandades, encimada por uma pomba de pau, prateada ou dourada, suspendendo o voo de um monte de irisadas fitas (MORAIS FILHO, 2013, p.32).

3.2 As Folias do Divino Espírito Santo

A origem das festas juntamente com a folia é muito marcante, e está presente na sua atualidade de maneira significativa. De acordo com Brandão (1980, p. 36), as Folias se constituem num “espaço camponês simbolicamente estabelecido durante um período de tempo igualmente ritualizado, para efeitos de circulação de dádivas entre um grupo precatório e moradores do território por onde ele circula”.

Neste sentido, a folia é um ato de devoção que é carregado há séculos, e são peças fundamentais desta festa complexa e repleta de atos simbólicos. Cânticos, orações, preces e agradecimentos contagiam vários momentos da festa até as pessoas se deslocarem à igreja Matriz para se dar início à missa (CORRÊA, 2012, p. 11).

Para a realização da festa era preciso arrecadar donativos e esse papel era feito pelos foliões que percorriam as comunidades rurais e as fazendas recolhendo doações e esmolas para os preparativos da festa. Os foliões alegravam a população com dança e música em troca de esmolas (DEUS DA LUZ, 2013). Já, de acordo com Lima (2011), a origem da folia parte

da necessidade de arrecadar donativos para a festa em geral e, para a sua realização a contento, contava-se com um longo tempo de preparação, tendo como principais itens, a saída das bandeiras para as zonas rurais que tinha a finalidade de angariar donativos. Mas muito além disso, o folião leva a esperança e a fé que tem no coração pelo divino e pelo amor a essa tradição.

Nesta analogia, as folias cumprem a missão de levar o culto aos que não quiseram ou não puderam participar, reproduzindo formas remotas de evangelizar e de catequese. São igualmente ocasiões de festa nas fazendas onde chegam, mas também de generosidade, pois os membros das folias são hospedados e alimentados nessas fazendas pelos seus donos (MESSIAS, 2016).

A religiosidade se expressa através de cantorias que invocam o Divino Espírito Santo e os nomes santos da cristandade. Os músicos são o centro desta expressão. Entre eles, a função do embaixador da folia assemelha-se ao de um sacerdote. Os embaixadores são os principais responsáveis pelas invocações, cânticos e composição das letras. Várias cantorias são realizadas, cada uma tem a sua coluna, como são chamados os enredos e a composição, para cada ocasião. Algumas cantorias podem durar mais de hora. Entre elas, destaca-se a "Chegada ao Pousa" e o "Agradecimento" (AMORIM, 2012).

A festa começa com a saída das folias do Divino Espírito Santo, que é no domingo de Páscoa, onde vão girar pela zona rural e fazendas levando a palavra, a devoção, a fé e a castidade por 40 dias, onde são recebidos pelas famílias, com festividade, cantos e comidas. A saída é feita com a saudação à bandeira ou o "beijo da bandeira", e os foliões partem a cavalo para uma jornada de fé e amor ao Divino. Quem vai ali não é um grupo de cidadãos, e sim os representantes do Divino Espírito Santo capitaneados pelo Alferes, o encarregado de levar a bandeira, vão os foliões (SILVA, 2013). Refletindo os costumes do império, a Folia é atividade tipicamente masculina, inclusive quando a bandeira é recepcionada na casa que a acolhe. É sempre o homem que a recebe, a saúda e a beija no terreiro, enquanto a mulher a recebe na porta e só a beija dentro de casa (GOMES, 2009).

À frente do grupo vai o sagrado, simbolizado na bandeira do Divino, carregada pelo alferes. Após os 40 dias de "giro" acontece o encontro das Folias de Cima e da Folia de Baixo diante da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde os foliões se encontram e cantam hinos que são conhecidos como rodas de folia, e os foliões cumpriram a sua obrigação para com o Imperador, prestando contas das arrecadações.

4 O SIGNIFICADO COMO PALAVRA CHAVE

Concordamos com Lowen-Sahr (2009, p.34), quando afirma que o destaque ao significado como Palavra-Chave dá uma identidade própria à geografia cultural, “tornando o plano interpretativo uma ‘realidade’ idealizada”, ao mesmo tempo que deixa a experiência humana em segundo plano, “principalmente quando se trata dos seus aspectos corporais, sensíveis e estéticos”. Assim, focar apenas no significado da expressão de ser folião e na folia, negligencia os processos da própria condição humana do Agir de cada indivíduo (ARENDDT, 2007), o que inclui ‘o significar’, ‘o produzir’ e ‘o fazer’ dos produtos, das obras e dos fatos culturais pesquisados aqui, no caso, o ser folião e a folia do Divino. Neste caso, optamos por uma geografia do significado e não por uma geografia do agir, como propõe Arendt, considerando que, para esse momento da pesquisa, não seria possível a sua execução.

Mesmo com nossa opção, torna-se importante apontar que a ação, traduzida para o meio geográfico como ‘produção’ e ‘construção’ do espaço, também envolve a culturalização, sendo os seus processos, na atualidade, pouco valorizados na própria epistemologia da geografia cultural.

Conforme a tipologia de Hannah Arendt (1981), percebe-se que uma geografia cultural da ação tem que dar conta da variedade espacial das diferentes formas de Agência:

1. **O Trabalho**, na sua forma de força de trabalho, acontece culturalmente dentro de padrões altamente normatizados, com forte dominação de esquemas culturais e semióticos de sistematicidade e homogeneidade. Nestes espaços, os humanos territorializam-se através de rotinas, muitas vezes com ações subconscientemente internalizadas, que formam corpos e subjetividades. Os territórios do trabalho baseiam-se principalmente em racionalidades simples e homogeneizadoras (matemáticas, capitalistas etc.), portanto, apresentam pouca expressividade.
2. **Os espaços do Fazer**, que garantem uma melhor individuação existencial e são nesses territórios do Fazer, que a expressividade é maior e variada, e, por isso, a significação é parte integral desta forma de produzir. Neste campo, atividades rituais, artesanais e artísticas predominam, por exemplo, os espaços do mundo vivido familiar, espaços étnicos e de resistência, mas também os cenários sociais, artísticos e de fantasia, como na religião e suas expressões.
3. A terceira forma de agência, **o Agir**, é uma espacialização voltada à plena expressão humana. Forma espaços que dificilmente podem ser intelectualizados ou semiotizados, mas que mostram alta criatividade. Esta criatividade “inventa” linguagens inovadoras espaciais que permitem comunicação em ‘territórios de liberdade’, como é o caso das linguagens dos poetas, dos músicos, das atmosferas e das virtualidades.

Importa-nos, nesta pesquisa, a segunda tipologia proposta por Arendt, considerando que a significação é parte integral na produção da festa do divino, ou seja, o significado que cada indivíduo têm e expressa no ato de ser um folião, de se ver como parte de uma expressividade cultural e religiosa, das suas atribuições e funções e da sua história como indivíduo e ator nesse cenário. Quando o indivíduo passa a ser um ator, neste caso, o folião,

este recria as formas simbólicas propostas por Cassirer (1994), como as *linguagens* próprias da e na Folia, os *mitos* e estórias contadas ou cantadas, na *arte* de cantar, dançar, entoar e agir, entre outras “formas simbólicas” que, na concepção de Cassirer (1994, p. 100), são “os conteúdos, nos quais se formam a organização do Eu para um mundo próprio e único...; eles são dados, de qualquer exterioridade espacial, temporal, ideal fazendo também parte de outros mundos”. E é o mundo da Folia e do Folião que nos importa nesta pesquisa.

5 ATO DE DEVOÇÃO E FÉ EM SER FOLIÃO

O ato de ser folião é uma missão carregada por inúmeras gerações e que está presente na festa do Divino Espírito Santo em Monte do Carmo, assim é uma festa de grande importância para a cidade, para as fazendas e cidades vizinhas.

O folião é o carro chefe da Folia, que é formada pelo alferes da bandeira, arrieiros, caixeiros, além dos foliões, normalmente uniformizados (COX, 1995),

O alferes da bandeira do Divino Espírito Santo, conduz a folia com a bandeira, faz as vênias, que são os movimentos de saudação com a bandeira, quem recebe o donativo e é o responsável por manter os foliões em harmonia. Os arrieiros são os foliões que vão na frente com as malas e bagagens dos demais, responsáveis pela organização dos pousos e da estrutura formal da folia, e que aguardam a folia chegar em cada pouso. Os caixeiros e violeiros são responsáveis por entoar os toques dos cânticos que são cantados durante a folia de maneira geral. Nesse trajeto, alguns devotos do Divino acompanham muitas vezes, pagando promessas e bênçãos recebidas (MESSIAS, 2016).

Em Monte do Carmo - TO são formadas duas folias, a Folia de Cima e a Folia de Baixo, recebendo esses nomes porque percorrem duas regiões distintas e opostas da zona rural que, ao final do percurso, se encontram diante da Igreja de Nossa Senhora do Carmo para prestar contas ao imperador e finalizar sua missão para a realização da festa. As datas de saída e chegada das Foliias varia a cada ano, considerando a mobilidade do Domingo de Páscoa.

Para atingirmos o objetivo desta pesquisa foi elaborado um roteiro de seis perguntas para a obtenção de um perfil sociocultural dos foliões para identificarmos o sentido e o significado de ser folião do Divino espírito Santo. O roteiro foi assim organizado:

- 1. Idade**
- 2. Tempo que participa da folia?**
- 3. Vêm de família de foliões:**
- 4. Qual a responsabilidade de ser folião?**
- 5. Como e porque desejou fazer parte ou ser folião?**
- 6. Qual o significado de ser folião?**

As entrevistas realizadas nesta pesquisa são de caráter único e exclusivo para geração de informação para esta pesquisa e os entrevistados a fizeram de livre vontade e espontaneidade.

Dos 16 entrevistados, 11 deles estão na faixa etária de 36 a 45 anos, o que evidencia, a

médio prazo, a necessidade de substituição, gradativa dos mesmos, para que a folia se mantenha como expressão cultural e religiosa em Monte do Carmo. Apenas 05 foliões estão abaixo desta faixa etária, sendo que um deles na faixa de 16 a 25 anos.

Todos os foliões nasceram em Monte do Carmo e são oriundos de famílias de foliões ou tiveram na sua vida desde a infância, a presença da religiosidade na família, participavam com os pais nas folias e nas festividades do Divino. Todos eles se utilizam do fato de ser folião por promessas feitas ao Divino e por agradecer bênçãos recebidas na família, de diferentes formas.

Folião 1: é Folião Cantor, e desde sempre quis ser folião pela parte da sua família.

Significado de ser folião: “é um momento de felicidade por ser mensageiro do Divino; ser folião significa uma forma de manter esta tradição, e a fé no Espírito Santo”

Folião 2: Arrieiro, possui promessas a serem pagas na folia.

Significado de ser folião: “é que eu sou escolhido, né, tenho que pregar a palavra do Espírito Santo; eu sou o apóstolo de Deus, falar do nosso Deus. Esse é o significado do folião”

Folião 3: sua função é cantar com Pandeiro, e sobre sua responsabilidade de ser folião, disse que primeiramente amar o Divino, evangelizar os moradores e ter responsabilidade.

Significado de ser folião: “eu me sinto muito gratificante de ser folião do Divino Espírito Santo porque pra Nós representa os apóstolos de Deus, por isso nós na folia somos 12 foliões”.

Folião 4: sua função é a disposição das cantigas, a folia está presente sempre desde criança na sua vida, sua responsabilidade de ser folião é a primeira coisa: evangelizar, respeitar os outros e ser devoto do Divino. desejou fazer parte, pois é uma tradição, onde ele gosta muito de ser mensageiro do Divino.

Significado de ser folião: “eu me sinto feliz por estar divulgando a minha tradição, pregando o evangelho aos moradores do sertão. Me sinto feliz de tá seguindo a Deus; a cultura, pra mim é muito forte veio como herança do meu avô e meu pai e hoje, graças a Deus sigo ela com muita fé, no Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Livramento e do Senhor Santos Reis, são os 3 santos que a gente gira sempre nas folias em Monte do Carmo”.

Folião 5: sua função é Violeiro e cantor, sua responsabilidade de ser folião é fazer as coisas direito com todos os moradores, conta que desejou fazer parte, porque gosta da divindade e manter a tradição.

Significado de ser folião: Ser folião pra mim, primeiramente, minha fé, seguir a deus e demonstrar a nossa tradição, não só em Monte do Carmo mas em outars regiões e nosso sertão; nossa tradição, sempre vou passar pros meus filhos enquanto eu puder, e sempre girando pra manter a nossa tradição.”

Folião 6: sua função é Violeiro e cantor, responsabilidade é levar a mensagem e evangelizar cada família, a exigência segundo ele é que não pode sair da tradição, conta que desejou fazer por tradição e amor ao Divino Espírito Santo.

Significado de ser folião: “eu recebi o dom de pregar a palavra de Deus sendo um folião e todo ano a gente tem essa viagem, né, de pregar a palavram explicando o que é a palavra de Deus para os moradores”.

Folião 7: sua função é Folião e violeiro, sua responsabilidade é pregar o evangelho para as pessoas da zona rural, a exigência segundo ele não ficar com mulheres e ter compromisso com o que faz, e fala que já vem no sangue, vem da família, está na tradição da família.

Significado de ser folião: “pra mim é um momento de fé e de manter nossa tradição nos festejos, nas comemorações e na mensagem que a gente leva pro sertão, pro povo do sertão”.

Folião 8: sua função é ser folião e cantor, responsabilidade é com a comunidade em manter a tradição dos antepassados, as exigências é não beber para embriagar, pregar a palavra de Deuse manter o respeito. Conta que sempre desejou isso, que é por tradição mesmo. Cresci vendo meus pais fazendo parte da folia e que possui promessas a serem pagas na folia.

Significado de ser folião: “pra mim ser folião, primeiramente, é preciso ter muita fé no Divno e ser sponsável com tudo no giro, saber respeitar, louva a Deus e pregar a palavra de Deus, com cantoria e alegria, por isso somos doze, como os apóstolos de Cristo”.

Folião 9: sua função é cantor e bater pandeiro, sua responsabilidade é evangelizar as

peessoas, possui promessas a serem pagas na folia. e que o que mantem em ser folião é a tradição e amor ao ser mensageiro do divino espírito santo.

Significado de ser folião: “ser folião pra mim é ser devoto do Divino Espirito Santo, que me dá muita alegria e felicidade por dar valor a nossa cultura, que ela cresça, prevaleça; desde criança que a folia passava na nossa casa e meu pai participava dela, e ele passou pra mim”

Folião 10: função na folia é ser cantor e bater pandeiro, sua responsabilidade é conservar a tradição, nunca deixar acabar, são as exigências para ele, andar direito não praticar coisa erradas. seu desejo para ser folião foi devido ter um bom coração e amor a divindade.

Significado de ser folião: “me sinto realizado por ser folião, realizado por poder participar da folia, que meu pai também participava e passou pra mim essa cultura; é muita responsabilidade ser folião pra poder manter a tradição e a culutra, mas tem que ser devotodo Divino e ter a fé nele”.

Folião 11: função na folia de Arrieiro, sua responsabilidade é evangelizar os moradores da cidade e zona rural, a exigência é cumprir a tradição de ser um mensageiro do divino espírito santo,. afirma ele sobre e porque desejou fazer parte ou ser folião.

Significado de ser folião: “ser folião é de muita importância pra gente poder levar a cultura e passar ao jovem pra continuar essa tarefa de Deus, que ele tenha fé, seja devoto, tenha uma vida boa, porque a folia hoje tem muito veterano e precisa ter mais jovem participando aqui em Monte do Carmo”.

Folião 12.: sua função é cantar na folia, tem como responsabilidade o compromisso com o divino, e a exigência é Ter respeito com todos, o que desejou ser folião foi a devoção.

Significado de ser folião: “ser folião é manter a cultura que nós recebemos de nossos pais, a tradição e a fé, né, a cultura, que nós não vamos deixar cair, e que os jovens possam valorizar tudo o que temos aqui na cidade de Monte do Carmo”.

Folião 13: sua função é cantar na cabeceira, tem como responsabilidade Evangelizar, anunciar a ressurreição de Jesus, e a exigência é o respeito, sinceridade, ser correto, compromisso com o divino, que desejou ser folião foi pelo amor aos antepassados, e prestigiar os devotos do divino.

Significado de ser folião: “sou muito feliz por ser mensageiro do Divino, levamos

alegria e paz na casa das pessoas; e ser folião significa manter essa tradição”.

Folião 14: sua função é cantar, sua responsabilidade é Ser devoto com o divino espírito santo, e a exigência é Ter respeito e tratar bem as pessoas, o que desejou ser folião foi o amor ao Divino.

Significado de ser folião: “para mim, folião significa que cada um de nós foi escolhido para ser folião, por Deus; pra isso o folião prega a palavra do poder de Deus na casa dos moradores do sertão”.

Folião 15: sua função é Arriero e organização da folia, o que desejou ser folião foi porque gosto de sempre seguir a tradição.

Significado de ser folião: “eu me sinto gratificado por ser folião, cada um com uma função, e temos o dom de Deus para, todo ano, o giro da folia para pregar e eplicar aos moradores o que é o Espírito Santo”.

Folião 16: sua função é Alferes da Bandeira, sua responsabilidade é A responsabilidade evangelizar nas casas em missão do divino espírito santo, a exigência é cumprir a tradição de ser um mensageiro do divino espírito santo, o mesmo possui promessas a serem pagas na folia, e conta que o desejo partiu da vontade própria de seguir a divindade.

Significado de ser folião: “ser folião é ser uma pessoa feliz por estar divulgando a tradição e pregando o evangelho para as pessoas que moram no sertão, que precisam da palavra; a cultura carmelitana pra mim é muito frte e vem dos nossos pais e avós, e todos aqui seguem com fé e devoção. Muitos giram em outra flias com a mesma fé”.

É notório como a percepção do ser folião é uma vivencia trazida de gerações que movimenta a cultura de uma família, e a estrutura é unicamente da sua devoçãoem levar a palavra do Divino Espirito Santo para os lugares mais distantes da cidade, e levando assim uma visão e sua bandeira além, onde muitos relataram o amor que tem por essa tradição.

A Festa do Divino Espirito Santo de Monte do Carmo vive sua tradição e a passa para seus jovens e crianças que, desde cedo, aprendem que estão protegidas pelo imenso poder do Divino Espírito Santo, cuja bandeira vai abrindo e abençoando os caminhos do futuro. Fé que se mostra na beatitude do fiel, na autoridade do Alferes, na esperança singela de alcançar a graça. Fé que transporta pelas montanhas e planícies a Graça e Glória do Divino Espírito Santo.

As entrevistas feitas neste projeto, são de caráter único e exclusivo para geração de

informação para melhor desenvolvimento do mesmo, os entrevistados não foram obrigados a responder, se sentiram a vontade e vendo as respostas pode-se perceber o quanto o amor pelo Divino é algo forte dentro deles.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festas religiosas, de maneira geral, demarcam os locais de contextos espaciais múltiplos, sobretudo, produzindo o espaço simbólico da fé e da devoção. Deste modo, retrata a vida de uma geração inteira que é carregada pelos fiéis ao longo dos anos e que, a cada ano vai se solidificando como momento fé e cultura.

Neste interim, o folião na Festa do Divino Espírito Santo é grandioso e traz consigo uma força muito grande dentro dessa festa, e é dentro desse enredo que ele consegue donativos para a festa. O folião encaixa-se na festividade não como patrono, mas como um símbolo que ajuda diretamente a carregar essa festa de diversas maneiras, nas suas cantorias, no movimento das bandeiras e nos rituais de saída, pousos e chegada.

O que chama a atenção nas respostas dos foliões às entrevistas são algumas palavras cheias de significados, como tradição, herança dos pais e avós, devoção e fé no Divino, manter a cultura, levar a palavra de Deus. Estas afirmativas nos levam a considerar quão grande eles se sentem na responsabilidade de manter este ritual que faz parte da festa do Divino, seja do ponto de vista da sua devoção e fé na divindade, seja do ponto de vista da responsabilidade de passar às gerações futuras esta herança que um dia foi recebida.

Neste sentido, a preocupação se justifica considerando que grande parte dos foliões está na faixa etária de 36 a 45 anos, por tanto um tanto “madura” e apenas dois integrantes são mais jovens, entre 15 e 35 anos, e isso é, de certa forma, preocupante para eles.

Ser folião representa, antes de mais nada, um forte ato de devoção e fé, fato que, por si mesmo, justificaria a ausência de suas famílias por um período de 30 a 35 dias, dependendo do tempo da folia girando, para cumprir, um ritual que se repete nestes dias todos, em cada pouso, cântico, danças, orações e movimentos. Apenas a fé e a devoção poderiam explicar este momento.

Para eles, a festa do Divino só acontece, em sua grande maioria, a partir da existência da folia e dos foliões que a compõem, uma vez que são eles que fazem o movimento e a mobilização dos moradores no sertão para a festa, pedindo a colaboração de cada família na forma de doação, ou esmola, como é conhecida, como forma de agradecimento a Divindade pelas bênçãos recebidas no ano anterior ou pelas promessas pagas. Fica claro que ser folião é um ato de fé, devoção e amor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. G. Geografia Cultural: contemporaneidade e um flashback na sua ascensão no Brasil. In: MENDONÇA, F; LOWEN-SAHR, C.L; SILVA, M (orgs.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAN, 2009.
- ARENDRT, H. A condição humana. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. **Vita activa oder vom Tätigen Leben**. München: Piper, 1981.
- AMORIM, L. **A Festa do Divino Espírito Santo no Brasil Contemporâneo: uma etnografia de um rito popular em Goiás**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). UnB, Brasília. 2002.
- AUDRIN, J. M. **Os sertanejos que conheci**. Rio de Janeiro, RJ: Agir. 1963.
- BRANDÃO, C. R. Folia, festa, procissões e romaria. In: **A cultura na rua**, Campinas: Papyrus, 1980.
- BERGER, P. **O rumor dos anjos: sociedade moderna e a descoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- LIMA, J. **Festa**. In: AZEVEDO, C. M. (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Lisboa: Circulo de Leitores, 2000.
- CASSIRER, E. **Filosofia das formas simbólicas I – a linguagem**. Traduzido por Marion Fleischer. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1994.
- CLAVAL, P. Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana? In: SERPA, A. (Org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. et al (org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORDEIRO, C.; MADEIRA, A. B. A Emigração Açoriana para o Brasil (1541-1820): uma Leitura em Torno de Interesses e Vontades. In: **Revista Arquipélago (História)**, 2003.
- CORRÊA, L. N. **Festas do Divino Espírito Santo: dos Açores ao Brasil, um estudo comparativo**. (Tese de doutorado em Antropologia Cultural defendida a Universidade de Salamanca). Salamanca. 2012.
- COX, H. **A festa dos foliões. Um ensaio teológico sobre a festividade e a fantasia**. Petropolis. Ed. Vozes. 1995.

DEUS DA LUZ. **Festa do Divino. Direção de Suzana Barros.** Produção de Maria Arienar e Raimundo Penaforte. Palmas, 2003. 1 DVD (17 min e 54 seg.), son, color.

DEL PRIORI, M. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense,

2004. DI MÉO, G. **La Géographie em Fêtes.** Paris, Ophrys, 2001.

DUNCAN, J. A Paisagem como Sistema de Criação de Signos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagens, Textos e Identidade.** Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

ELIADE, M. **Tratado de História das Religiões.** São Paulo, Martins Fontes, 1999.

ETZEL, E. **Divino: Simbolismo no Folclore e na Arte Popular.** São Paulo: Livraria Kosamos Editorial, 1995.

FICKELER, P. **Questões Fundamentais na Geografia da Religião. Espaço e Cultura,** UERJ, RJ, Edição comemorativa 15 anos, p. 7-35, 2008.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea.** 2. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

GOMES, N. A. **Elos Perdidos.** Monte do Carmo: 2009. 152 p.

HALL, S. Representations. **Cultural Representations and Signifying Practices.** London, Routledge Publications, 1997.

HENKEL, R. **Geography of Religion: Rediscovering a Subdiscipline.** Hrvatski Geografski Glasnik, 67/1, 2005.

HUME, D. **Diálogos sobre a religião natural.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Festa do Divino Espírito Santo vai acontecer em Natividade (TO).** 2014.

LOWEN-SAHR, C.L.; SILVA, M (orgs.) **Espaço e tempo. Complexidade e desafios dopensar e do fazer geográfico.** Curitiba: ADEMADAN, 2009.

LIMA, W. M. da S. F. **Ciclo do Marabaixo: permanências e inovações de uma festa cultural.** 2011. 131f. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

MESSIAS, N. C. **Religiosidade E Devoção: as Festas do Divino e do Rosário, em Monte do Carmo-TO.** Goiânia, Goiás: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

MORAIS FILHO, M. **Festas e Tradições Populares do Brasil.** Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2013. p. 54. Disponível em: www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/1061. Acessado no dia 17 de fevereiro de 2021.

MOTINHA, K. E. F. **A festa do Divino Espírito Santo: Espelho de Cultura e Sociabilidade na Vila Nova de Mazagão.** 2003. 346 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

ROSENDAHL, Z. **Território e Territorialidades: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião.** In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (orgs). Geografia: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro. EdUERJ ,2005.

SILVA, M. R. B. **Escrevendo história e salvaguardando a festa de nossa senhora do rosário:** Monte do Carmo, Tocantins. PRÊMIO MESTRE DIÓ 2011 de Apoio a Grupos de Culturas Populares, 2013. 34 p.

SOUSA, P. M. & ERTZOGUE, M. H. Histórias, memória e religiosidade na festa do Divino Espírito Santo em Natividade-TO. **Revista Internacional de Folkcomunicação,** 11(22), 2013.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana.** Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.